**Estamos entregues à nossa sorte**

Hoje permanece segunda-feira, dia 16 de Outubro…e este dia perdurará, fixo na memória dos acontecimentos.

É o dia em que, na escuridão das primeiras horas, e a maioria de nós conhecedores de que o país estava a ser varrido por uma onda de incêndios desde a tarde de Domingo, começávamos a ter conhecimento da existência de vítimas mortais.

O primeiro anúncio referia-se a 3, três pessoas mortas, mais três pessoas mortas pelos incêndios em Portugal. Reconheço a minha quase incredulidade associada ao choque e à tristeza quando soube existirem vítimas mortais. Sabemos que os incêndios grassam em Portugal durante o verão e estamos cansados dos “prognósticos pós incêndio”: o ordenamento e a tipologia da floresta, o abandono das zonas rurais e a falta de limpeza, os incendiários e as penas jurídicas leves, etc. Nada de novo, nem mesmo no apontar do dedo a outros e na inação continuada dos próprios. Mas mortes provocadas por incêndios?! Não são frequentes, nem numerosas (ainda que cada uma, na sua singularidade, seja sempre uma perda dolorosa e insubstituível).

Quando a luz da madrugada despontava, eram já seis as pessoas mortas. A cada notícia o número de mortes aumentava, a par do número de desaparecidos e de feridos graves…

E enquanto o rescaldo das zonas ardidas iam descobrindo mais cadáveres, enquanto a contagem dos mortos se fazia, fomos ouvindo também as palavras dos nossos governantes, dos responsáveis máximos, com lições sucessivas que não devíamos esquecer….

O Secretário de Estado da Administração Interna, Jorge Gomes, afirmou que *“têm de ser as próprias comunidades a ser proactivas e não ficarmos todos à espera que apareçam os nossos bombeiros e aviões para nos resolver os problemas. Temos de nos autoproteger.”* Compreendemos assim que o Estado considera que cada um tem de resolver os seus problemas, hoje um incêndio, amanhã uma inundação, qualquer outra tempestade ou um tremor de terra. É cada um por si porque o Estado não está para ninguém.

Nesta mesma lógica de ideias, o Secretário de Estado podia deixar de o ser e ir tratar da sua vidinha, tal como aliás recomenda e porque ninguém daria conta da formalização da sua inexistência. Será que a Ministra da Administração Interna lhe vai fazer compreender o óbvio…?! Não, Constança Urbano de Sousa, no mesmo dia, considera *“que este não é o momento para a demissão, é o momento para a acção. Ir-me embora seria o caminho mais fácil, ia ter as férias que não tive"*, mas que, na minha modesta opinião, podia ter tido uma vez que ninguém teria dado conta da sua ausência e de facto, só agora é que parece que vai agir… (ou talvez não, segue para férias!). Em Março, no Dia da Proteção Civil, a Ministra disse que estava mais preparada que nunca para garantir a segurança da população e a protecção do património; no fatídico dia de 17 de Junho, o incêndio de Pedrogão Grande matou 64 pessoas; o relatório independente que o Governo não pediu destacou causas humanas, entre as quais a ausência de chefias qualificadas e com experiência substituídas pelos “boys” do PS; quatro meses depois...tudo se repete, como se nada tivesse acontecido antes… Contam-se mais uma vez os mortos que já ascendem a 43…

E enquanto este número crescia, o Primeiro-Ministro, descuidando a máscara política habitual, afirmou com uma chocante arrogância: *“Não tenho dúvidas de que uma situação destas irá repetir-se.”* E os portugueses que se habitem porque – acrescentou – *“não há uma solução mágica para acabar com isto”, “os portugueses sabem bem que os governos não têm varinhas mágicas para resolver os problemas.”* O mestre da política, o autor orgulhoso da (magia ou feitiçaria?) “geringonça” não tem solução para a solução efectiva dos problemas reais dos portugueses que serve. É tudo política… Estamos entregues à nossa sorte.

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)